



JÚNIA ENTRE OS APÓSTOLOS: SOBRE O LUGAR DA MULHER NA IGREJA CRISTÃ DO PRIMEIRO SÉCULO

JUNIA AMONG THE APOSTLES: ABOUT THE WOMAN'S PLACE IN THE FIRST CENTURY CHRISTIAN CHURCH

Paulo Gustavo Santos da Silva*

Resumo: Em muitas denominações cristãs, o preceito doutrinário de que as mulheres devem ser limitadas a assumir papéis secundários na organização do Corpo de Cristo e que a liderança deve ser exclusivamente destinada a fiéis do sexo masculino persiste. Porém, ao examinar a história dos primórdios do Cristianismo, a literatura bíblica e os escritos dos Pais da Igreja, notamos evidências que nos dão motivo para conceber que, no início do movimento iniciado por Jesus, mulheres, de fato, tiveram voz e lugar de destaque, assumindo cargos de autoridade em comunidades cristãs. Neste trabalho, tomaremos por objeto de estudo a personagem bíblica Júnias, que, segundo os estudiosos modernos ligados à corrente exegética do sentido inclusivo e como registram importantes comentadores da Antiguidade, como, por exemplo, Orígenes de Alexandria (185-254), João Crisóstomo (344/354-407) e Teodoro de Cirro (393-458) – cujos textos nos servirão de corpus da pesquisa –, foi citada como apóstola valorosa por Paulo de Tarso.

Palavras-chave: Cristianismo. Igreja. Apóstolo. Júnias.

Abstract: In many Christian denominations, the doctrinal precept that women should be limited to assume secondary roles in the organization of the Body of Christ and that leadership should be exclusively aimed at male believers persists. However, in examining the early history of Christianity, the biblical literature and the writings of the Church Fathers, we note evidence that gives us reason to conceive that, at the beginning of the movement initiated by Jesus, women indeed had a prominent voice and a prominent place, assuming positions of authority in Christian communities. In this work, we will take as object of study the biblical character Junia, who, according to modern scholars linked to the exegetical current of the inclusive sense and as they record important commentators of antiquity, such as Origen of Alexandria (185-254), John Chrysostom (344/354-407) and Theodoret of Cyrus (393-458) – whose texts will serve as the

* Mestre em Letras Clássicas (Culturas da Antiguidade Clássica) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e Especialista em História do Cristianismo e do Pensamento Cristão pela Faculdade Batista do Rio de Janeiro (FABAT). Vincula-se ao Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas da UFRJ. E-mail: pgustavoprofessor@gmail.com



corpus of research –, was mentioned as valorous apostle by Paul of Tarsus.

Keywords: Christianity. Church. Apostle. Junia.

INTRODUÇÃO

Estudiosos indicam que, historicamente falando, as mulheres sempre constituíram um grupo majoritário dentro do movimento cristão, desde a sua origem – na província romana da Judeia –, até os dias atuais¹. Orígenes, um dos Pais da Igreja, em seu trabalho apologético, *Contra Celsum*, faz-nos saber que, na Antiguidade Clássica, a fé cristã era alvo de zombaria por parte de pagãos por se tratar de um movimento religioso cuja maioria dos fiéis eram mulheres, escravos e crianças – isto é, sujeitos, na época, vistos como sem peso social. Ainda, na literatura bíblica neotestamentária, atesta-se que, embora os seguidores mais próximos de Jesus de Nazaré fossem todos homens, muitas mulheres também acompanhavam o professor da Galileia em suas viagens: ele as recebia e comissionava; conversava com elas publicamente; e elas até mesmo financiavam-no e a seus discípulos, como se elas fossem patronos daquele trabalho missionário itinerante.²

Não há contrassenso em afirmar que muitas mulheres que seguiam Jesus de Nazaré foram discipulas fiéis. Enquanto, no testemunho dos Evangelhos, vemos que entre os doze discípulos mais próximos do mestre nazareno houve quem o negasse, quem o traísse e quem o abandonasse na hora mais difícil³, sobre elas, neles lemos que, arriscando suas vidas, expuseram-se: acompanharam-no até o último instante de vida e, por clara piedade para o com os restos mortais dele, foram as primeiras a testemunharem sua miraculosa ressurreição e a, por ele próprio, serem enviadas a anunciá-la abertamente. Esta lealdade de certas mulheres à pessoa do galileu, segundo Bart Ehrman⁴, pode ser explicada no fato de que a pregação dele era deveras atraente para aquele público, visto que se proclamava um reino vindouro de Deus, no qual se daria o fim das injustiças, males, sofrimentos e, em contrapartida, haveria o

¹ ALMEIDA, Rute Salviano. *Vozes Femininas no Início do Cristianismo: Império Romano, Igreja Cristã, Perseguição e Papel Feminino*. Viçosa: Ultimato, 2021. p. 11.

² *Lucas* 8:1-3; *Mateus* 27:55 e 28:10; *João* 4:1-27.

³ *Lucas* 22:1-6 e 22:54-61; *Mateus* 26:56.

⁴ EHRMAN, Bart D. *O que Jesus disse? O que Jesus não disse? Quem mudou a Bíblia e por quê*. Trad. Marcos Marcionilo. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005. p. 241.



estabelecimento de uma igualdade entre homens e mulheres, ricos e pobres, escravos e livres etc. – ou seja, aquele evangelho trazia palavras⁵ de esperança, de liberdade e inclusão para aqueles que viviam oprimidos e excluídos naquela sociedade.

Não há dúvidas de que as mulheres tiveram participação ativa nos primórdios do movimento cristão; entretanto, ainda assim, ao cotejarmos os manuais de História da Igreja, dificilmente encontramos longos capítulos discorrendo sobre a vida e as contribuições femininas para essa corrente religiosa, de modo que dá a impressão de que elas são quase inexistentes na galeria dos heróis da fé cristã, uma vez que, em sua imensa maioria, os principais personagens retratados nesses livros acadêmicos são sempre do sexo masculino: os pais da igreja, os papas, os bispos, os reformadores, os grandes líderes etc. Por que há essa omissão persistente? Não há mulheres com feitos notáveis na história do Cristianismo? Sim, há. Então, o que sucedeu?

De acordo com Ehrman⁶, um esforço para suprimir a posição de destaque das mulheres no Corpo de Cristo iniciou já nos anos finais do primeiro século e ganhou força a partir do segundo. Muitas comunidades cristãs, baseando-se em trechos ambivalentes de Paulo de Tarso e, sobretudo, numa dura passagem da *1ª Carta a Timóteo* (2:11-15), passaram a silenciar as fiéis e, tornando à ideia de pensá-las como seres indignos⁷, também exortá-las à mera submissão ao governo doméstico e eclesiástico masculino, visto que, segundo sugere o referido texto da *Carta a Timóteo*, o pensamento em voga era que uma mulher no comando seria facilmente enganada pelo inimigo (Satanás) e poderia levar o homem à perdição. Assim, a imagem da mulher, no meio cristão, passou a ser também diretamente atacada: versículos bíblicos que as destacavam foram

⁵ Estas mesmas palavras de liberdade e inclusão ecoam na carta de Paulo aos *Gálatas* 3:27-28.

⁶ EHRMAN, 2005, p. 244-245.

⁷ A tradição judaica, provavelmente influenciada pela cultura helenística – como sugere Friedman (FRIEDMAN, Theodor. *La transformación del rol de la mujer: De la Biblia al Talmud. Maj'shavot*, v. 36, n. 4, p. 26-17, 1988.) –, no período talmúdico, já transmitia ensinamentos que apontavam a mulher como ser inferior ao homem, o que era diretamente refletido na sociedade da época. A exemplo, podemos citar a oração das três bênçãos que, segundo Kochmann (KOCHMANN, Sandra. *O lugar da mulher no judaísmo. Rever*, São Paulo, n. 2, 2005. p. 36), todo judeu recitava liturgicamente pela manhã, ao acordar, agradecendo a Deus por não ter nascido gentio, nem mulher e nem ignorante, o que, conforme Kahan (KAHAN, Joel H. "Baruch she asani isha: Birkat hashachar shel nashim". In: ARIEL, David loel; LEIBOVICH, Maia; MAZOR, Ioram (org.). *Baruch she asani isha*. Tel Aviv: Ed. Yedioth Ahronot, 1999. p. 122), não passava de uma remontagem de um dito popular grego, citado por Platão, pelo qual se expressava que o homem deveria agradecer aos fados por três coisas: não ter nascido um animal, não ter nascido uma mulher e não ter nascido bárbaro. É nesse contexto social judaico androcêntrico que nasce o Cristianismo.



omitidos por copistas⁸; por outro lado, inserções foram feitas para as diminuir⁹; infâmias foram inventadas sobre algumas delas¹⁰ etc.

Ao alastrar-se, este pensamento androcêntrico atravessou os séculos, de modo que, ainda hoje, temos, por seu legado, diversas denominações cristãs nas quais as mulheres são limitadas a, no máximo, ocuparem serviços eclesiais secundários, jamais podendo exercer cargos de autoridade sobre a comunidade – o que é estritamente reservado aos homens. E, para fundamentar este posicionamento doutrinário, a liderança destas denominações seguem se agarrando, sem reservas, a passagens bíblicas, por vezes, questionáveis, nas quais se recomenda que a ação feminina na igreja seja reduzida, enquanto parecem fechar os olhos para outros trechos que claramente enfatizam a igualdade entre homens e mulheres como regra do evangelho de Jesus¹¹.

Neste trabalho, tomaremos por objeto de estudo Júnia, uma personagem bíblica não muito conhecida, mas citada com louvor num curto excerto neotestamentário, *Romanos 16:7*, o qual parece contrariar a tese doutrinária que concebe que, no movimento cristão, a governança sempre esteve em mãos masculinas. Por meio de um exame filológico, defenderemos que Júnia, embora alguns sustentem o contrário, de fato, era uma mulher, e, apoiando-nos em comentadores antigos, diretamente ligados e caros à história da igreja, filiar-nos-emos à corrente exegética do *sentido inclusivo*, aquela na qual estudiosos firmam que, para além de uma cristã exemplar, Júnia também teria sido uma notável apóstola, isto é, uma líder, reconhecida pelo próprio apóstolo Paulo, numa comunidade cristã do primeiro século.

⁸ EHRMAN, 2005, p. 250.

⁹ EHRMAN, 2005, p. 246-247.

¹⁰ É valioso citarmos aqui o famoso erro exegético do Papa Gregório Magno que, em sua Homilia 33, no ano de 591 EC, expôs Maria Madalena como uma prostituta arrependida, o que, conforme pontua Heidi Schlumpf (SCHLUMPF, Heidi. Who framed Mary Magdalene? *U.S. Catholic*, Chicago, v. 65, n. 4, 2000. p. 14), um grupo de estudiosos considera como um feito malicioso para macular a imagem de uma personagem feminina cristã relevante. E esta infâmia mentirosa, mesmo que já denunciada pelos estudiosos (até católicos), persiste até hoje como tradição na mente de muitos cristãos.

¹¹ A exemplo, citamos a já mencionada passagem 1Tm 2:11-15, trecho muito utilizado por líderes religiosos para embasar a ideia de que Paulo de Tarso recomendou que as mulheres não ocupassem funções de liderança na igreja, mas que a crítica atual está plenamente convencida de que não foi escrito pelo apóstolo, pois essa se trataria de uma carta pseudoepigráfica, bem como pontua LOURENÇO (2018, p.15). Ainda sobre esta carta, EHRMAN (2005, p. 245) afirma que provavelmente tenha sido escrita por um seguidor de Paulo da segunda geração, o qual parece não ter tido o cuidado de soar contraditório, haja visto que o apóstolo, em carta autêntica anterior, na *Epístola aos Gálatas*, já havia deixado claro que, em Cristo, já não havia diferenciação entre homem e mulher (Gl. 3:27-28).



ROMANOS 16:7: UM LOUVOR A DOIS NOTÁVEIS CRISTÃOS E O VALOR DO APOSTOLADO

Na epístola destinada aos cristãos de Roma, Paulo de Tarso transmite uma calorosa saudação a dois irmãos em Cristo que, conforme se nota no trecho, pareciam ser personalidades importantes: “Saudai Andrônico e Júnias, meus parentes e companheiros de prisão, apóstolos exímios que me precederam na fé em Cristo.”¹²

Esta é uma passagem valiosa para os estudos da história da igreja, visto que nos chama a atenção para dois assuntos relevantes, sendo o primeiro deles a questão do encargo de apóstolo. Percebe-se que, segundo Paulo de Tarso, tal titulação não se limitou apenas aos doze discípulos diretos de Jesus de Nazaré; ele próprio, Paulo, proclamava-se um apóstolo de Cristo, bem como mencionava outros cristãos com o mesmo rótulo – como, por exemplo, Andrônico e Júnias.

Não se deve, no entanto, de forma alguma, julgar que a designação apostólica era direcionada a qualquer fiel. No livro dos *Atos dos Apóstolos*, o evangelista Lucas – que, na maioria das vezes, sequer honrou Paulo com o título de apóstolo¹³ – faz-nos compreender que o apostolado demandava grande responsabilidade, visto que isso estava ligado a serviços importantes para a perpetuação e expansão do movimento cristão: por exemplo, os apóstolos eram os líderes que ministravam os ensinamentos doutrinários da fé, detinham autoridade para instituir novos supervisores e eram enviados, em obediência ao Espírito Santo, em missão para evangelização e implantação de novas comunidades cristãs em territórios pagãos, bem como podemos observar nas seguintes passagens:

Os doze convocaram então a multidão dos discípulos e disseram: ‘não é conveniente que abandonemos a Palavra de Deus para servir às mesas. Procurai, antes, entre vós, irmãos, sete homens de boa reputação [...] e nós os encarregaremos desta tarefa.’¹⁴

Enviados, pois, pelo Espírito Santo, eles [os apóstolos Paulo e Barnabé] desceram até Selêucia, de onde navegaram para Chipre. Chegados a Salamina,

¹² *Epístola aos Romanos*, 16:7. Todas as passagens bíblicas escritas neste trabalho seguem a tradução proposta pela nova edição revista e ampliada da *Bíblia de Jerusalém* (2019).

¹³ No livro dos *Atos dos Apóstolos*, Lucas sempre enfatiza os doze discípulos de Jesus como os apóstolos. Apenas num único momento esse autor se refere a Paulo de Tarso e a Barnabé com aquele mesmo título (*Atos dos Apóst.*, 14: 4; 14).

¹⁴ *Atos dos Apóstolos*, 6: 2-3.

puseram-se a anunciar a palavra de Deus nas sinagogas dos Judeus. Tinham também João como auxiliar.¹⁵

Uma vez que os apóstolos tinham a prerrogativa de instituir novas lideranças menores, poder-se-ia surgir a seguinte questão: *E quem nomeava alguém ao apostolado?* A resposta para esta indagação reafirma ainda mais o valor do cargo apostólico. No primeiro capítulo de *Atos dos Apóstolos*, Lucas registra o momento em que, liderados por Pedro, os discípulos de Jesus recebem Matias como novo apóstolo, por meio de um processo seletivo restrito¹⁶ e abençoado pelo poder divino (*Atos dos Apóst.*, 1:15-26). Ou seja, a escolha do novo *Coluna da Igreja* se deu por intenção dos líderes anteriores – a fim de atender linhas proféticas das escrituras – e em submissão aos supostos desígnios e à suposta decisão do divino, o próprio Espírito Santo.

Paulo de Tarso, que não andou com Jesus de Nazaré durante seu ministério terreno e nem passou pelo mesmo processo seletivo que Matias, apresenta ainda um relevante critério para considerar um irmão como apóstolo: ter sido divinamente designado pelo próprio Jesus Cristo. Na carta direcionada aos cristãos da Galácia, Paulo afirma ter sido separado como apóstolo não pela mão de algum homem, mas da parte do espírito de Jesus de Nazaré (*Epístola aos Gálatas*, 1:1), e confirma também, na carta aos coríntios, que o Cristo ressuscitado apareceu a todos os apóstolos (*I Epístola aos Coríntios*, 15:7). Com isso, podemos conceber que Paulo – que defendia veementemente a validade do seu apostolado e a autoridade desse cargo sobre a igreja – reconhecia outros irmãos como apóstolo apenas quando estava convencido de que o encargo apostólico deles também tinha sido chancelado divinamente por Cristo.

Sendo assim, quando Paulo de Tarso elogia Andrônico e Júnia como dois notáveis apóstolos entre os demais, pode-se entender que ele os via como dois valorosos cristãos que, assim como ele mesmo, tinham sido também divinamente aprovados por Cristo para liderar a igreja. E, neste ponto, chegamos ao segundo assunto relevante (e polêmico) que pode ser suscitado a partir da passagem de *Rom.* 16:7, o qual detalharemos na seção a seguir.

¹⁵ *Atos dos Apóstolos*, 13: 4-5.

¹⁶ Pontuamos que a eleição de Matias teve também caráter restritivo, pois os discípulos estabeleceram um critério para os candidatos: o novo apóstolo deveria ser alguém que tivesse convivido entre eles e Jesus de Nazaré, desde o seu batismo até a sua ascensão aos céus (*Atos dos Apóst.*, 1: 21-22); ou seja, que tenha sido também testemunha da ressurreição do mestre.

JÚNIA: NOTÁVEL ENTRE OS APÓSTOLOS

O texto bíblico não nos revela muitas informações sobre Andrônico e Júnia, figuras que são citadas apenas naquele trecho paulino da *Epístola aos Romanos*. Ali, vemos que estas personagens do Mundo Cristão Antigo eram notáveis entre os apóstolos, haviam precedido, na fé em Cristo, o próprio apóstolo Paulo – de quem eram compatriotas – e haviam estado com ele em cadeias por causa do Evangelho. Nada mais é dito sobre os tais em toda a Bíblia, mas, nesta pequena passagem, um ponto específico foi suficiente para chamar a atenção de muitos críticos: Andrônico é um nome claramente masculino, mas e Júnia? Estamos, neste versículo, testemunhando a existência de uma mulher que foi elogiada por Paulo como uma líder apostólica mais notável em seu cargo do que outros apóstolos homens? Examinaremos.

Júnia e a questão do gênero

Sobre as questões levantadas no final da seção anterior, a maioria dos estudiosos modernos tendem a afirmar que, não, a personagem Júnia citada por Paulo de Tarso, na *Carta aos Romanos*, não era uma mulher, mas, sim, um homem¹⁷. E, para sustentar este posicionamento, foram lançados argumentos que podemos, aqui, didaticamente sistematizar em dois grupos diferentes: grupo 1 (G1) e grupo 2 (G2), em que G1 concentra apontamentos de caráter mais acadêmico, visto que eles são desenvolvidos a partir de considerações científicas; e G2 conserva um discurso mais antigo e que julgamos pouco epistemológico e mais androcêntrico. Explicitaremos.

Dois são os argumentos contidos em G1 para defender a possível masculinidade de Júnia: o problema da grafia não acentuada do texto grego e a teoria da abreviação. No que diz respeito ao primeiro, de fato, a maioria dos manuscritos antigos apresentam, na passagem de *Romanos*, a grafia não acentuada *Iouviav*¹⁸, o que abre precedentes para se conceber que, na pronúncia, o acento da palavra poderia recair sobre a última sílaba, formando um nome de sonoridade mais masculina (*Iouviãv* – em português, Junias), ou recair sobre a penúltima sílaba, formando um nome de sonoridade mais feminina (*Iouviáv* – em português, Júnia). Dessa forma, embora saibamos que, a partir

¹⁷ BROOTEN, Bernadette. “Junia... Outstanding among the Apostles” (Romans 16:7). In: SWIDLER, Arlene; SWIDLER, Leonard. *Women Priests: A Catholic commentary on the Vatican declaration*. New Jersey: Paulist Press, 1977. p. 141-144. p. 141.

¹⁸ Isto visto que os manuscritos gregos somente passaram a ser acentuados depois do século VII EC.



do momento em que os manuscritos passaram a ser acentuados, 99% deles lançaram mão da grafia acentuada que resulta no nome feminino para Júnia¹⁹, deveríamos, em nome da lisura acadêmica, ainda, respeitar a suposição de que Júnia talvez fosse um homem; se não fosse pela evidência da variante do Papiro 46.

No Papiro 46, que conserva o mais antigo manuscrito da literatura paulina, vemos uma variante indicar que a personagem ao lado de Andrônico chamava-se, na verdade, Ἰουλίαν (em português, Júlia), um nome claramente feminino. Os estudiosos não consideram esta variante superior à forma *louviaν* (muito mais produtiva entre os manuscritos), no entanto, valorizam a hipótese de que ela possa ter surgido por conta de um problema de audição – uma vez que as pronúncias são muito parecidas – e destacam o quão interessante é notar que o mais antigo testemunho textual das cartas paulinas não hesitou em utilizar um nome nitidamente feminino nesse verso²⁰. Ou seja, por produzir e reproduzir a variante, os antigos copistas pareciam não ter dúvidas de que aquela segunda personagem citada por Paulo era mesmo uma mulher.

Por sua vez, a teoria da abreviação, segundo argumento contido em G1, é aquela na qual estudiosos afirmam que Paulo de Tarso, em seu elogio, teria, carinhosamente, abreviado o nome do segundo personagem citado; *louviaν*, portanto, seria a forma hipocorística do nome romano masculino *Junianus*. Essa teoria, entretanto, pode ser facilmente refutada quando consideramos as seguintes questões: I) por que, ao fazer um elogio, Paulo abreviaria o nome de um dos elogiados? – ora, normalmente, quando nos propomos a homenagear alguém, ao contrário, tendemos a citar o nome completo do elogiado, a fim de que este receba o devido destaque; II) há evidências nos estudos clássicos que possam suportar esta teoria? – isto é, observar se fontes literárias e/ou históricas corroboram o nome masculino *louviaν*; III) a transliteração do suposto nome latino masculino para a forma grega está correta, sob a luz da filologia clássica?

De acordo com Brooten²¹, uma vez que essa teoria defende a contração de um nome latino, *louviaν* (Júnias) jamais poderia ser o resultado de uma abreviação carinhosa do nome *Junianus*, visto que, filologicamente falando, a hipocorística latina, ao contrário

¹⁹ BERTI, Marcelo. Era Júnia uma apóstola? *Revista Teologia Brasileira*, São Paulo, n. 62, jun. 2017. p. 14-15. Disponível em: <https://teologiabrasileira.com.br/era-junia-uma-apostola/>. Acesso em: 24 maio 2023.

²⁰ BERTI, 2017, p. 4.

²¹ BROOTEN, 1977, p. 142.



da grega²², resultava em alongamento das palavras (com acréscimo de sufixo), e não no encurtamento delas. Por exemplo, o nome latino *Prisca* recebia a forma afetiva *Priscilla*; ou de *Octavius* se chegava a *Octavianus*.²³ Vale, também, destacar que, conforme os apontamentos de Cervin²⁴, se considerarmos a teoria da abreviação como verdadeira, teríamos que conceber que o versado autor de *Romanos*, Paulo de Tarso, cometeu um erro linguístico grosseiro, pois sabe-se que, segundo o sistema de transliteração dos nomes latinos para o grego, a transcrição masculina correta, na passagem bíblica, deveria resultar em *'louvíov* e não em *'louvíav*, que é a forma feminina. Ou seja, de duas uma: ou o estudado apóstolo Paulo se equivocou no grego e a teoria da abreviação está certa; ou o estudado apóstolo Paulo não errou no grego, quis mesmo identificar Júnia como mulher e a teoria da abreviação está errada.

Ainda, por último, mas longe de ser menos importante, sabemos que até hoje não foi encontrada nenhuma evidência literária ou qualquer outra fonte histórica que ateste, na Antiguidade, a existência de um homem que tenha tido o nome de *'louviãç* (Júnias); este nome praticamente não existiu²⁵. Sendo assim, como os estudiosos podem afirmar que o caso se trata de uma construção abreviada, se esta forma nunca foi encontrada em nenhum documento grego ou latino? Por outro lado, não são poucos os registros do nome feminino *'louvíav* (Júnia), tanto em inscrições gregas como em obras latinas. Somente em Roma, encontramos mais de 250 referências do nome *Junia*²⁶, o que prova que este era um nome extremamente comum, pois não era nada mais do que a contraparte feminina de *Junius* – assim como *Prisca* era a contraparte feminina de *Priscus*, ou *Julia* a de *Julius*. Por exemplo, o historiador grego Plutarco²⁷, em sua obra sobre a vida de Bruto, cita certa *'louvíα*, esposa de Cássio; também, segundo o historiador latino Suetônio²⁸, a primeira esposa do imperador Calígula chamava-se *Junia Claudia*, a filha do senador Marco Silano.

²² A Hipocorística grega, de fato, encurtava os nomes. Por exemplo: um homem chamado *Artemidoros* podia ser apelidado de *Artemas*; assim como vemos, em inglês, *Edwards* > *Eddie* ou *William* > *Will*.

²³ assim como fazemos em português, ao usar o diminutivo de forma afetiva nos nomes: Paulo > Paulinho; Ana > Aninha.

²⁴ CERVIN, Richard. A Note Regarding the Name Junia(a) in Romans 16.7. *New Testament Studies*, v. 40, jul. 1994. p. 464-470. p. 468-469.

²⁵ BROOTEN, 1977, p. 142; BERTI, 2017, p. 12.

²⁶ BERTI, 2017, p. 12.

²⁷ PLUTARCO. *Plutarch Live's*. Editado por E. H. Warmington *et al.* Trad. em inglês de Bernadotte Perrin. Cambridge: Harvard University Press, 1918. vol. 6. p. 138-139.

²⁸ SUETÔNIO. *As vidas dos 12 Césares*. Brasília: Edições do Senado Federal, 2012. vol. 171. p. 147.

Em síntese, ao examinarmos os argumentos de G1, que possuem valor mais acadêmico, nota-se que eles parecem diante dos dados históricos e do escrutínio filológico. Como afirma Brooten²⁹, literalmente, todas as evidências filológicas apontam para a possibilidade de que Júnia tenha sido mesmo uma mulher. Resta-nos, então, discorrer sobre o argumento contido em G2, que é um discurso menos epistêmico, mais antigo e androcêntrico.

De acordo com Brooten³⁰, num dado momento da Idade Média, alguns comentadores passaram a, repentinamente, considerar Júnia como homem e o que parece tê-los levado a esta conclusão não foi nenhuma prova científica, mas, sim, o seguinte raciocínio: uma mulher não poderia ter sido um apóstolo; e, porque uma mulher não poderia ter sido um apóstolo, essa tal Júnia, que na passagem é chamada de apóstolo, não pode ter sido uma mulher. Este é o argumento contido em G2.

Costuma-se creditar Egídio de Roma (1245-1316) como tendo sido o primeiro comentador a compreender Júnia como personagem masculino, quando, sem indicar fonte alguma, ele se referiu ao par de cristãos elogiados por Paulo de Tarso, em *Romanos 16:7*, como dois homens honrados³¹. Em seu trabalho exegético, Egídio chega a relatar conhecer a existência da variante *Ἰουλίαν* (Juliam), que, como já explicitamos, tem claro teor feminino, mesmo assim preferiu, aleatoriamente, insistir na masculinidade da personagem; e os impactos dessa leitura foram significativos nas gerações seguintes, alcançando seu ponto alto na época da Reforma Protestante³².

Se podemos considerar Egídio de Roma como o semeador da ideia, é possível admitir Martinho Lutero como o obreiro que colheu e difundiu os frutos. Apoiando-se num comentário do teólogo Jacques Lefèvre d'Étaples³³, Lutero expôs Júnia como homem na sua tradução da Bíblia para o alemão, chamando-a de **den Junias** (o Júnias – com artigo masculino), também nas suas pregações apresentou-a como um apóstolo famoso e, por fim, elogiou-a como homem insigne, em seu livro sobre o ministério cristão³⁴. A influente imagem de Martinho Lutero na Reforma fez com que suas interpretações sobre Júnia

²⁹ BROOTEN, 1977, p. 143.

³⁰ BROOTEN, 1977, p. 142.

³¹ EPP, Eldon Jay. *Junia: The First Woman Apostle*. Minneapolis: Fortress Press, 2005. p. 35.

³² BROOTEN, 1977, p. 141-142.

³³ De acordo com EPP (2005, p. 35), Lefèvre, em seu trabalho sobre as cartas paulinas (*S. Pauli Epistolae XIV ex Vulgata: adjecta Intelligentia ex Graeco, cum Commentariis*), listou Júnia entre os 20 homens santos saudados por Paulo de Tarso.

³⁴ BERTI, 2017, p. 2; EPP, 2005, p. 38.

ganhassem ampla exposição e persuadissem a muitos durante os séculos vindouros – de modo que, por exemplo, até hoje, muitas traduções bíblicas modernas seguem a proposta do monge alemão, adotando o nome Júnias, de valor masculino, na dita passagem de *Romanos 16:7*³⁵.

Em síntese, estudiosos modernos que se apoiam no argumento androcêntrico de que Júnias era homem, pois não era possível que houvesse um apóstolo mulher, tendem a se respaldar naqueles comentadores da Medievalidade e da Modernidade que, repentinamente, identificaram a personagem bíblica com o gênero masculino ou que reproduziram tal ideia sem ponderar as fontes. Valendo-se da noção de que estão se firmando em figuras de autoridade do passado para sustentar tal teoria, e que isso, por si, confere relevante peso ao argumento, estes estudiosos parecem ignorar um detalhe importantíssimo: se, por um lado, alguns (não todos)³⁶ comentadores da Idade Média e da Idade Moderna enxergaram Júnias como homem, por outro lado, todos os pais da igreja e comentadores da Antiguidade – mais antigos, portanto – sempre reconheceram Júnias como mulher; salvo aquele Epifânio de Salamina, cujas alegações sobre o assunto não são tidas por confiáveis pela grande maioria dos acadêmicos³⁷.

Júnias e o apostolado

Séculos após surgir o primeiro comentário de que Júnias fosse, na verdade, um homem – o Júnias –, outros comentadores reavaliaram a passagem de *Romanos 16:7* e apresentaram uma nova compreensão exegética que relativizou outro ponto em relação à personagem: assim, surge a teoria do sentido exclusivo, que consiste na hipótese de que, ao se considerar o texto grego do versículo, especificamente no trecho *ἐπίσημοι ἐν τοῖς ἀποστόλοις*, é possível conceber que ambos, Andrônico e Júnias, não fizessem parte do grupo apostólico, mas sim que fossem apenas irmãos cuja excelência na fé os apóstolos conheciam bem. Ou seja, para os estudiosos defensores da teoria do sentido

³⁵ A exemplo, os textos das versões *Almeida Revista e Atualizada* (2017) e *Nova Tradução na Linguagem de Hoje* (2015), por exemplo, apresentam o nome Júnias.

³⁶ A exemplo, Pedro Abelardo, na Idade Média, e Erasmo de Roterdã, este contemporâneo de Lutero e Lefèvre na Modernidade, defendiam a feminidade de Júnias, como nos confirma EPP (2005, p. 32-36).

³⁷ Em sua obra (*Index Discipulorum*, 125), Epifânio identifica Júnias como um homem que havia se tornado bispo numa comunidade cristã da Síria. No entanto, no que concerne ao gênero de Júnias, este comentário do pai da igreja não é visto como confiável, pois, noutro trecho, ele também identifica a personagem bíblica Prisca como homem, mesmo que o Novo Testamento deixe claro que se tratava de uma mulher. Por isso, costuma-se rejeitar o relato de Epifânio e considerar o de Egídio como o primeiro testemunho plenamente aceitável que identifica Júnias como homem.

exclusivo – dentre os quais, vale pontuar, há aqueles que admitem que Júnia era mulher³⁸ –, a tradução correta do trecho em questão seria *notáveis pelos apóstolos*, ao invés de *notáveis entre os apóstolos*, que, por sua vez, possui sentido inclusivo.

De um lado, valendo-se da filologia, os estudiosos que seguem a teoria do sentido inclusivo, entre outros argumentos, afirmam que o uso da preposição grega *év* naquela passagem raramente teria sentido exclusivo. Embora a gramática admita tal possibilidade, é pontuado que na Literatura Clássica não há sequer um exemplo daquela construção preposicionada em sentido exclusivo; somente vemos isso acontecer algumas vezes na literatura neotestamentária³⁹, o que leva estudiosos a concluir que tal uso linguístico deve ser fruto da influência semítica dos autores⁴⁰.

Do outro lado, também valendo-se de dados filológicos, críticos que seguem a teoria do sentido exclusivo, entre outros argumentos, afirmam que o valor locativo da preposição grega *év* pode oferecer a ideia de que Andrônico e Júnia eram cristãos notáveis no círculo de apóstolos de Jerusalém, mas não que estavam inseridos ali. Wallace e Burer⁴¹, por exemplo, reconhecem o sentido exclusivo, apresentando um estudo morfossintático, com suficientes exemplos literários para fins de comparação, no qual se conclui que, uma vez que o adjetivo presente na construção de *Romanos 16:7* evidencia um efeito elativo e não comparativo, a leitura mais provável da construção grega é a que concebe que os cristãos citados por Paulo eram bem conhecidos pelos apóstolos e não que faziam parte do grupo apostólico.

Em suma, no que diz respeito a uma análise linguística da passagem, a polêmica entre sentido inclusivo e sentido exclusivo tende a se manter sem conclusão, visto que a gramática da língua grega admite as duas possibilidades interpretativas, as quais possuem cada qual arcabouços teóricos satisfatórios para sua sustentação. No entanto, há ainda uma preciosa evidência externa ao texto, sinalizada por comentadores como,

³⁸ EPP, 2005, p. 72-73; BERTI, 2017, p. 2.

³⁹ Por exemplo, no texto grego da passagem de 1 Co 14:21. Por outro lado, o uso da mesma construção grega com sentido inclusivo é largamente produtivo na literatura bíblica: a exemplo, vemos em *Rm. 1:5; Mt.2:6; Lc.1:25; At.4:12; 1Cor.2.13; 5.1; 2Co.12.12; Gal.2.2; Ef.2.2; Cl.1.27; 1 Pet.2.12.*

⁴⁰ BERTI, 2017, p. 19.

⁴¹ BURER, Michael; WALLACE, Daniel B. Was Junia Really an Apostle? a Re-examination of Rom 16.7. *New Testament Studies*, v. 47, Issue 01, jan. 2001. p. 76-91. p. 89-90.



por exemplo, Beleville⁴², e que favorece a corrente exegética da teoria do sentido inclusivo: o testemunho dos Pais da Igreja, sobretudo dos Pais Gregos, sobre a passagem; isto é, como leram este versículo aqueles cristãos célebres, líderes da igreja, que tinham o grego como língua materna e eram bem letrados em seu idioma.

Direto ao ponto, a patrística grega, durante mil anos de Cristianismo, sempre demonstrou o entendimento de que Júnia e Andrônico tinham recebido o estatuto de apóstolo⁴³. Um dos testemunhos históricos mais contundentes que temos sobre a questão é o de João Crisóstomo (344/354/407), Pai Grego que, em sua *Homilia 31 (In Epistulam ad Romanos)*, comenta que ser um apóstolo era uma coisa muito importante e destaca quão dedicada à fé deve ter sido Júnia para ter alcançado o privilégio de se tornar digna do encargo apostólico:

Ser um apóstolo é algo grandioso. Mas ser notável entre os apóstolos... imagine que maravilhoso elogio é esse! Ambos se destacaram com base em suas obras e ações virtuosas. De fato, quão grande deve ter sido a sabedoria desta mulher que foi considerada digna do título de apóstolo.⁴⁴

Outro Pai Grego, Teodoreto (393-458), bispo da comunidade cristã em Cirro, no século posterior ao de Crisóstomo, ecoou a mesma leitura que a de seu predecessor, em sua obra *Interpretatio in quatuor-decim epistolas S. Pauli*: “Então serem chamados de notórios não apenas entre os discípulos, mas também entre os professores, e não somente entre os professores, mas também entre os apóstolos.”⁴⁵ Ainda, quatro séculos após Teodoreto de Cirro, temos João de Damasco, que pontuou: “E ser chamado de ‘apóstolos’ é uma grande coisa... E ainda estar entre os que são notórios, apenas considere que grande encômio isso é.”⁴⁶

E para fechar nossa breve⁴⁷ lista exemplificativa de comentários dos Pais Gregos, que favorecem a teoria do sentido inclusivo, citemos Orígenes de Alexandria

⁴² BELEVILLE, Linda. Ἰουλιαν... ἐπίσημοι ἐν τοῖς ἀποστόλοις: A Re-examination of Romans 16.7 in Light of Primary Source Material. *New Testament Studies*, v. 51, 2005. p. 231-249. p. 248.

⁴³ BÍBLIA. Português. Novo Testamento: Apóstolos, Epístolas, Apocalipse. Trad. do grego por Frederico Lourenço. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 236.

⁴⁴ Tradução nossa a partir da edição grega de MIGNE, J. P. *Patrologiae Cursus Completus: Series Graeca*, 1862. p. 672. Disponível em: https://archive.org/details/patrologiae_cursus_completus_gr_vol_060/page/n9/mode/2up?view=theater. Acesso em: 24 maio 2023.

⁴⁵ Tradução nossa a partir da tradução inglesa oferecida por EPP, 2005, p. 33.

⁴⁶ Tradução nossa a partir da tradução inglesa oferecida por EPP, 2005, p. 33.

⁴⁷ Além destes nomes que citamos, EPP (2005, p. 32) elenca ainda outros dezessete Pais da Igreja, gregos e latinos, que apresentaram a mesma leitura sobre Júnia.



(185-254), aquele que, bem antes de João Crisóstomo, Teodoro de Cirro e João de Damasco, também já havia reconhecido, a partir das informações que temos de seus comentários sobre o texto de *Romanos* 16:7, que Júnia e Andrônico faziam parte do círculo apostólico:

Pode-se dizer com certeza que ambos eram compatriotas de Paulo de acordo com a carne e que teriam crido antes dele e que eram considerados notáveis entre os apóstolos de Cristo; sobre quem, também é possível que sejam entendidos desta forma, e que, provavelmente, eles fazem parte daqueles setenta e dois que também foram nomeados apóstolos, e portanto, ele os chama de notáveis entre os apóstolos, os mesmo apóstolos anteriores a ele mesmo.⁴⁸

É lícito conceber que o depoimento de autoridades eclesásticas – homens versados nas letras clássicas e nos estudos teológicos – a respeito de uma passagem escrita em sua língua materna, de fato, tem grande peso na sua compreensão. Entretanto, por outro lado, devemos ter o cuidado de considerar que, talvez, todos estes homens célebres tenham se equivocado em sua leitura exegética. Uma vez que a construção da passagem é polêmica, não devemos fechar a questão apenas considerando a interpretação dos Pais da Igreja, pois, como aponta Berti⁴⁹, eles não eram os únicos que falavam grego de forma nativa, e supor que a opinião deles basta para determinar o significado do texto é usar a história para definir um ponto que também é sintaticamente discutível.

Mas, ainda que tenham entendido erroneamente a passagem, podemos firmar que os Pais da Igreja não demonstraram incômodo algum em ler na passagem bíblica que Júnia, que, como mostramos na seção anterior, para eles certamente era uma mulher, fosse uma cristã com cargo apostólico. É verdade que, ao pôr em relevo com tom laudatório o fato de que uma mulher tenha sido considerada digna do título de apóstolo, Crisóstomo nos concede azo para inferir que talvez não fosse tão comum ver alguém do sexo feminino ocupando tal função, mas nada vemos em seu comentário, e nem no relato de nenhum outro Pai da Igreja do primeiro milênio, que censure tal nomeação. Em outras palavras, para aqueles Pais da Igreja, que estavam cronologicamente mais próximos das origens do Cristianismo, ver uma mulher ser designada ao apostolado não parecia ser algo reprovável.

⁴⁸ Tradução oferecida por BERTI, 2017, p. 16.

⁴⁹ BERTI, 2017, p. 23.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda hoje, denominações cristãs defendem a doutrina de que mulheres não devem ser levantadas a altos cargos de liderança na comunidade dos fiéis, pois consideram que, no Cristianismo, desde as origens desse movimento religioso, a vontade divina sempre foi que os colunas da igreja e os líderes posteriores fossem permanentemente eleitos entre representantes do sexo masculino. Neste trabalho, procuramos, ao examinar um trecho da *Carta aos Romanos* (Rm. 16:7), pôr em relevo a personagem Júnia, uma figura cristã a quem o apóstolo Paulo cita como notável entre os apóstolos e buscamos, por meio de evidências filológicas e históricas, defender a hipótese de que esta pessoa se tratava de uma mulher e uma líder apostólica da igreja.

Num primeiro momento, apoiando-nos na literatura bíblica, explicitamos a grande importância do encargo apostólico nos primórdios do Cristianismo e mostramos que este título não teria se limitado apenas aos doze seguidores mais próximos de Jesus de Nazaré – o que corrobora a leitura de que Andrônico e Júnia podiam fazer parte do círculo de apóstolos. Em seguida, apresentamos a polêmica suscitada por comentaristas, a partir da Medievalidade, a respeito do gênero de Júnia, aclarando que as válidas evidências históricas (como, por exemplo, os testemunhos de toda a Patrística Antiga) e filológicas (como, por exemplo, a inexistência nas Letras Clássicas de um referente masculino identificado como Júnias) apontam para a conclusão de que ela era mesmo uma mulher.

Por fim, discorreremos sobre a polêmica concernente à teoria de que Júnia não fosse uma apóstola, tendo em vista que o texto grego abre margem para que a passagem seja lida também pelo prisma do sentido exclusivo. E, neste ponto, evidenciamos que os estudiosos admitem que a gramática desta língua clássica concebe ambas as leituras (o sentido exclusivo e o sentido inclusivo) como possíveis, mas preferimos seguir a corrente exegética do valor inclusivo, visto que toda a patrística grega do primeiro milênio, isto é, homens que estavam mais próximos das origens do movimento cristão, que eram versados nos estudos teológicos e linguísticos (nativos naquele idioma), consideraram Júnia uma apóstola e não tiveram problema em ler a passagem dessa forma. Assim, fica claro que era normal, aos olhos dos Pais Gregos, que uma mulher fosse líder numa comunidade cristã.

Em outras palavras, considerar que mulheres nunca assumiram e que jamais devem assumir altos cargos de liderança no movimento cristão porque isto afronta uma tradição divinamente inspirada e sempre presente nesta fé é algo historicamente refutável, pois é bem provável que Júnia pode ter sido uma apóstola notável entre os apóstolos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Rute Salviano. *Vozes Femininas no Início do Cristianismo: Império Romano, Igreja Cristã, Perseguição e Papel Feminino*. Viçosa: Ultimato, 2021.

BELEVILLE, Linda. Ἰουνιαν... ἐπίσημοι ἐν τοῖς ἀποστόλοις: A Re-examination of Romans 16.7 in Light of Primary Source Material. *New Testament Studies*, v. 51, 2005. p. 231-249.

BERTI, Marcelo. Era Júnia uma apóstola? *Revista Teologia Brasileira*, São Paulo, n. 62, jun. 2017. Disponível em: <https://teologiabrasileira.com.br/era-junia-uma-apostola/>. Acesso em: 24 maio 2023.

BÍBLIA. Português. *Bíblia de Jerusalém: Nova edição revista e ampliada*. São Paulo: Editora Paulus, 2002.

BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada*. Trad. João Ferreira de Almeida. Rev. e Atual. no Brasil. 3. ed. São Paulo: SBB, 2017.

BÍBLIA. Português. Novo Testamento: Apóstolos, Epístolas, Apocalipse. Trad. do grego por Frederico Lourenço. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 236.

BÍBLIA. *Novo Testamento Interlinear Grego-Português*. Trad. Almeida, Ver. e Atual.; Nova Tradução na Linguagem de Hoje. São Paulo: SBB, 2015.

BROOTEN, Bernadette. "Junia... Outstanding among the Apostles" (Romans 16:7). In: SWIDLER, Arlene; SWIDLER, Leonard. *Women Priests: A Catholic commentary on the Vatican declaration*. New Jersey: Paulist Press, 1977. p. 141-144.

BURER, Michael; WALLACE, Daniel B. Was Junia Really an Apostle? a Re-examination of Rom 16.7. *New Testament Studies*, v. 47, Issue 01, jan. 2001. p. 76-91.

CERVIN, Richard. A Note Regarding the Name Junia(a) in Romans 16.7. *New Testament Studies*, v. 40, jul. 1994. p. 464-470.

EHRMAN, Bart D. *O que Jesus disse? O que Jesus não disse? Quem mudou a Bíblia e por quê*. Trad. Marcos Marcionilo. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

EPP, Eldon Jay. *Junia: The First Woman Apostle*. Minneapolis: Fortress Press, 2005.

FRIEDMAN, Theodor. La transformación del rol de la mujer: De la Biblia al Talmud. *Maj'shavot*, v. 36, n. 4, p. 26-17, 1988.

KAHAN, Joel H. "Baruch she asani isha: Birkat hashachar shel nashim". In: ARIEL, David loel; LEIBOVICH, Maia; MAZOR, Ioram (org.). *Baruch she asani isha*. Tel Aviv: Ed. Yedioth Ahronot, 1999.

KOCHMANN, Sandra. O lugar da mulher no judaísmo. *Rever*, São Paulo, n. 2, 2005.

MIGNE, J. P. *Patrologiae Cursus Completus: Series Graeca*, 1862. Disponível em: https://archive.org/details/patrologiae_cursus_completus_gr_vol_060/page/n9/mode/2up?view=theater. Acesso em: 24 maio 2023.

PLUTARCO. *Plutarch Live's*. Editado por E. H. Warmington *et al.* Trad. em inglês de Bernadotte Perrin. Cambridge: Harvard University Press, 1918. vol. 6.

SCHLUMPF, Heidi. Who framed Mary Magdalene? *U.S. Catholic*, Chicago, v. 65, n. 4, 2000.

SUETÔNIO. *As vidas dos 12 Césares*. Brasília: Edições do Senado Federal, 2012. vol. 171.

Recebido em: 15 jan. 2024.

Aceito em: 18 nov. 2024.